

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RAQUEL RAMOS DA SILVA**

**DOCÊNCIA DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

**JOÃO PESSOA/PB  
2011**

**RAQUEL RAMOS DA SILVA**

**DOCÊNCIA DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

**Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Educação Física do  
Centro de Ciências da Saúde da  
Universidade Federal da Paraíba-UFPA,  
como exigência parcial para obtenção  
do grau de Licenciado em Educação  
Física**

**Orientador:** Professor Doutor Pierre Normando Gomes-da-Silva

**JOÃO PESSOA/PB  
2011**

S586d *Silva, Raquel Ramos da.*

**Docência dos estagiários de Educação Física com alunos com  
deficiência / Raquel Ramos da Silva. -- João Pessoa: [s.n.], 2011.**

*27 f. : il. -*

*Orientador: Pierre Normando Gomes-da-Silva.  
Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.*

*1. Docência. 2. Deficiência. 3. Inclusão. 4. Estágio.*

*BS/CCS/UFPB*

*CDU: 377.8(043.2)*

**RAQUEL RAMOS DA SILVA**

**DOCÊNCIA DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

**Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Educação Física do  
Centro de Ciências da Saúde da  
Universidade Federal da Paraíba-UFPB,  
como exigência parcial para obtenção  
do grau de Licenciado em Educação  
Física**

Data de defesa: 12 de Julho de 2011

Resultado: 8,5

Banca Examinadora

Nome do orientador  
UFPB/CCS/DEF

Prof.Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva

Membro da banca  
UFPB/CCS/DEF

Prof<sup>a</sup>. MS. Elaine Cappellazo Souto

Membro da banca  
UFPB/CCS/DEF

Prof.<sup>a</sup> Hélia Siqueira Leite

*Dedico este trabalho aos meus pais, José Maria Ramos da Silva e Maria Isabel Ramos da Silva, que me serviu de exemplo para que eu pudesse continuar minha caminhada me dedicando aos estudos.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus pela sua infinita misericórdia e amor que me é dado e por ter me dado sabedoria para que eu pudesse realizar este trabalho.

Aos meus pais, José Maria Ramos da Silva e Maria Isabel Ramos da Silva que são o meu porto seguro, sem eles não teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus irmãos, pela compreensão e força em todos os momentos de dificuldades.

Ao meu noivo Andrew Rodrigues Alexandre, pelo seu amor e carinho que me tem dado durante toda esta jornada.

A todos os meus amigos e companheiros do curso pelas experiências vividas e pelo apoio em momentos de estudos.

Ao meu orientador, professor Dr. Pierre Normando Gomes da Silva, pela paciência, apoio e informações transmitidas.

A professora Ms. Elaine Cappellazo Souto que teve sua parcela de ajuda e é um amor de pessoa.

A todos os professores do departamento de Educação Física que colaboraram para minha formação.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho de forma direta ou indireta.

*“Ninguém sabe tudo, ninguém ignora  
tudo, por isso aprendemos sempre.”*

*(Paulo Freire)*

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as dificuldades dos estagiários de Educação Física, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, nas escolas públicas no município de João Pessoa, com seus alunos com deficiência. Trata-se de uma pesquisa descritiva, documental e de campo, de abordagem qualitativa que utilizou como instrumentos de coleta das informações uma entrevista e os registros dos relatórios finais dos estagiários que cursaram a disciplina Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado em Educação Física no período de 2009.2 e 2010.1. Foram entrevistados 20 estagiários que cursaram o Estágio Supervisionado em Educação Física com alunos com deficiência. Foi utilizada a análise de conteúdo como técnica de análise das informações. Constatamos que as experiências relatadas pelos estagiários são bastante conflituosas, quando se trata de educação inclusiva, pois relatam que é uma tarefa muito difícil, que não se sentem preparados para lidar com estas situações. Essa investigação critica a formação inicial dos professores de educação física da UFPB, no que diz respeito aos conhecimentos acerca da educação inclusiva.

Palavras- chave: Docência. Deficiência. Inclusão. Estágio

## **ABSTRACT**

This research aims to analyse the difficulties of Universidade Federal da Paraíba – UFPB Physical Education interns with their hearing, visually or physically impaired students at public schools in João Pessoa. It is a descriptive research with a qualitative approach which made use of interviews as a tool for collecting information. Twenty interns who attended the Physical Education Supervised Internship in the 2009.2 and 2010.1 semesters were interviewed. This is a documentary research as well, since it analyses the interns' final reports on their teaching experience. Syllabus analysis was the technique used for analysing information. It was noticed that the reports are quite conflicting when it concerns inclusive education as it is reported to be so difficult a task that they do not feel prepared to deal with it. This study criticizes the initial stage of the education of UFPB Physical Education teachers regarding knowledge of inclusive education.

Key words: Teaching. Impairment. Inclusiveness. Internship

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Faixa etária dos estagiários entrevistados.....	24
Quadro 2: Experiências dos estagiários antes da Prática de Ensino.....	24
Quadro 3: Perfil didático-experimental dos estagiários.....	25
Quadro 4: Números de alunos por deficiência e faixa etária.....	25
Quadro 5: Visão dos estagiários antes da Prática de Ensino.....	26
Quadro 6: Quadro das dificuldades identificadas.....	27
Quadro 7: Quadro das dificuldades superadas por categoria.....	31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	12
2.1 CONCEITUAÇÃO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	12
2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	14
2.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SEUS DESAFIOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
2.3.1 Formação Inicial dos Professores e Saberes Docentes .....	18
<b>3. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	21
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	21
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	21
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	22
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	22
3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	23
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	24
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS QUE TRABALHARAM COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA.....	24
4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS E ALUNOS COM DEFICIÊNCIA.....	25
4.3 A VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS ANTES DA PRÁTICA DE ENSINO... ..	25
4.4 DIFICULDADES ENCONTRADAS.....	26
4.5 SUPERANDO AS DIFICULDADES.....	30
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	34
<b>APÊNDICES</b> .....	37
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista.....	38
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	39

## 1 INTRODUÇÃO

O período da formação acadêmica é destinado a construções de conhecimentos e trocas de informações, se mostrando como uma oportunidade de aprendizado intenso. Durante tal formação, buscamos conhecimentos que possam nos orientar em nosso estágio supervisionado e que atendam a todas as necessidades (BORGES, 2006). Os educadores em geral são vistos também como profissionais de responsabilidade e compromisso, no entanto se faz necessário que aprendamos a desenvolver uma visão ampla que estimule no aluno a criatividade, a busca por novos conhecimentos, entrelaçando assim vivências e saberes.

No âmbito escolar, vem surgindo a inclusão de pessoas com deficiência, porém, tais discussões ainda enfrentam problemas e dificuldades quanto ao acesso destes nos espaços sociais. Em contrapartida, existem vários autores que evidenciam uma melhoria na qualidade de vida dessas pessoas, como afirma Diehl (2008, p.21):

As diferenças físicas ou um desenvolvimento perceptivo diferente ocasionam, freqüentemente, a exclusão do belo, saudável e autônomo, ou seja, a diferença é caracterizada pelo fato de não pertencer aos parâmetros de normalidade constituídos pela sociedade. No entanto, a pessoa com deficiência é capaz de usufruir uma vida plena, desde que sejam feitas as adaptações necessárias.

Em meio a essa conjuntura que ainda dificulta a plena inserção de indivíduos com algum tipo de deficiência nas aulas regulares, existem dificuldades específicas que se consolidam na área da Educação Física. (GIMENEZ, 2006, p. 98). Após a formação docente, mesmo o estagiário tendo partido para a prática pedagógica com a finalidade de obter experiência concreta, educar pessoas e ter capacidade de formar cidadãos para uma vida social-afetiva, motora e cognitiva melhor, o mesmo não enfrenta o ambiente escolar inclusivo, ou seja, não está preparado o suficiente para se deparar com alunos com deficiência.

Hoje, uma das grandes preocupações dos profissionais de Educação Física, é saber como direcionar atividades físicas para pessoas com algum tipo de deficiência, seja ela mental, física, visual ou auditiva, principalmente nas escolas, para que as mesmas possam ter suas necessidades motoras atendidas, sem excluí-las das atividades. Entretanto, tais dificuldades e limitações que por vezes dificultam a realização de determinadas práticas corporais, não devem ser vistas como um obstáculo impossível de ser ultrapassado e sim como uma barreira possível de ser

vencida tanto pelos deficientes quanto pela sociedade, pois sabemos que os deficientes possuem limitações, mas são seres tão capazes como qualquer outra pessoa. (MONTEIRO; SILVA, 2010) Faz-se necessário que o professor se posicione dentro da educação como um educador, tendo o objetivo de alcançar a todos.

O processo educacional deve ser composto por ações concretas nas quais o aluno que faz é o mesmo que compreende, e a escola estabelece assim uma inter-relação entre suas atividades práticas e atividades simbólicas, que são necessárias em uma formação para a autonomia. (DUCKUR, 2004, p.46)

Diante desses pressupostos percebe-se a necessidade de ser feito um estudo que investigue melhor o assunto e que possa com isso contribuir tanto para a formação dos futuros educadores físicos quanto para os profissionais já atuantes na área escolar. Com o aumento da inclusão dos alunos com deficiência, as escolas precisam ainda mais de professores capacitados, que busquem melhores alternativas para ministrarem suas aulas atingindo assim, seus objetivos como também proporcionando aos alunos um melhor aprendizado.

Contudo, percebe-se uma falta de compreensão mais efetiva das características e possibilidades de cada indivíduo. Em outras palavras, ao invés de se propor metodologias de ensino, talvez seja necessário compreender mais efetivamente "como esses indivíduos aprendem" (GIMENEZ, 2006, p.93). Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo principal, analisar a vivência dos estagiários de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da disciplina Prática de Ensino em Educação Física, sob a forma de Estágio Supervisionado dos períodos de 2009.2 e 2010.1, para alunos do Ensino Fundamental nas escolas públicas do município de João Pessoa. Seus objetivos específicos vão desde analisar a metodologia usada pelos estagiários de Educação Física para alunos com deficiência, como também compreender a integração realizada com o mesmo perfil de alunos. Deste modo torna-se pertinente a questão-problema: De que forma os estagiários de Educação Física realizam a prática docente em turmas com alunos com deficiência?

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 CONCEITUAÇÃO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva é uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais nas escolas regulares. Assim, a Educação no seguimento dos movimentos que conduziram à sua obrigatoriedade e universalidade, não é só para alunos com condições de deficiência encontradas numa lógica médica-psicológica, mas para alunos com qualquer necessidade especial, conceito que engloba, desde o relatório de Warnock, todos os tipos e graus de dificuldades que se verificam em seguir o currículo escolar (RODRIGUES, 2008). A palavra incluir significa abranger, compreender, somar e é nisso que se deve pensar quando fala-se em inclusão de pessoas com deficiência, é trazer para perto, dar a ela o direito de ter as mesmas experiências, é aceitar o diferente e também aprender com ele.

A inclusão é um direito garantido por lei a todas as pessoas com algum tipo de deficiência e incluir crianças deficientes é mais do que cumprir uma lei, é permitir que ela se insira na sociedade em que mais tarde precisará conviver, é não deixá-la alienada e despreparada para uma realidade que também é sua (FERREIRA; BOZZO, 2009). E segundo a Constituição Federal de 1988 no art. 208, inciso III, é dever do Estado fornecer um atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino, além de garantir o acesso ao Ensino Fundamental regular a todas as crianças e adolescentes, sem exceção. O decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, no art. 2º, incisos I, II, III e IV, trata dos objetivos do atendimento educacional especializado, que são eles:

I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos referidos anteriormente;

II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;

III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e

IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino.

Portanto, tal lei deixa claro como deve ser a inclusão desses alunos com deficiência dentro do ensino regular.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ressalta que manter alguma criança com deficiência fora do ensino regular é considerado exclusão e crime. Daí a importância da inclusão na educação para as crianças com deficiências se sentirem dentro de uma sociedade mais justa, onde elas possam usufruir das mesmas oportunidades que uma criança sem deficiência utiliza no meio onde vive e, principalmente, na escola. Com relação à inclusão destes alunos na escola regular brasileira, Rodrigues (2008) defende que:

Aos poucos a escola regular brasileira e suas várias áreas de conhecimento- Educação Física, Matemática, Física, Ciências, História, dentre outras- têm conseguido ao longo dos últimos anos, com pequenos arranjos metodológicos, trabalhar no mesmo espaço e tempo alguns casos isolados envolvendo a diversidade humana e mais especificamente os deficientes. (RODRIGUES, 2008, p. 54)

É notado assim, que a inclusão é um processo amplo, com transformações, grandes e pequenas, nos ambientes físicos e na mentalidade das pessoas, inclusive das pessoas com deficiências. Para promover uma sociedade que aceite e valorize as diferenças individuais e aprenda a conviver dentro da diversidade humana. Para Ferreira e Guimarães (2003):

Para que se possa conceber a escola inclusiva, é imprescindível que a instituição escolar acolha os interesses e as dificuldades apresentadas pelos alunos no dia-a-dia e no decorrer do processo de aprendizagem. O ambiente escolar precisa constituir-se como um espaço aberto, preparado e disposto a atender às peculiaridades de cada um. (FERREIRA, GUIMARÃES, 2003, p. 2).

Dessa forma, a educação inclusiva não é somente para aquelas crianças com deficiência (física, mental, auditiva ou visual), é para todas aquelas crianças que são naturalmente excluídas do meio social em que vivem e nas escolas principalmente, por não aprenderem no mesmo ritmo que as demais crianças, fator principal da evasão e repetência nas escolas regulares de ensino.

## 2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O apoio educativo para a inclusão de alunos em aulas de Educação Física, quando existe, é dado em termos genéricos por docentes que não são da área disciplinar, criando significativas dificuldades para que o professor de Educação Física encontre valia no diálogo com o professor de apoio. (RODRIGUES, 2008, p.72).

A Educação Física é julgada uma área importante de inclusão dado que permite uma ampla participação mesmo de alunos que evidenciam dificuldades. Este fato pode ser ilustrado com a onipresença da Educação Física em planos curriculares parciais elaborados para alunos com necessidades especiais. Ainda que conscientes das diferentes aptidões específicas de cada um entendem-se que a Educação Física é capaz de suscitar uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes. (RODRIGUES, 2008, p. 70)

Assim, a Educação Física é uma área curricular com maior facilidade de inclusão, devido à flexibilidade inerente aos seus conteúdos, o que conduziria a uma maior facilidade de diferenciação curricular. Visto que os professores de Educação Física dispõem de uma maior liberdade para organizar os conteúdos que pretendem que os alunos vivenciem ou aprendam em suas aulas (RODRIGUES, 2008, p. 69). Há professores trabalhando com tendências que contribuem com o processo de formação e de desenvolvimento de um cidadão consciente de seus deveres e direitos e participativo do meio social em que vive (MATOS; SANTOS, 2004).

No Brasil as tentativas de implantar espaços adequados para a prática da atividade motora adaptada para crianças e jovens com deficiência são recentes. Mas, além de espaços para a integração, devemos ser capazes de respeitar as necessidades específicas de cada indivíduo, possibilitando um ensino/aprendizagem de qualquer outra atividade, para que ele possa participar de vários espaços de lazer. “O desenvolvimento das habilidades motoras proporcionará meios para aquisição da cultura de vida ativa, fatores essenciais para que se possam realizar atividades físicas em diferentes meios, não restringindo o indivíduo a grupos específicos” (DIEHL, 2008, p.17).

Ainda encontramos muitas escolas regulares inclusivas sem professores de educação física ou com profissionais pouco comprometidos em promover cultura

para uma vida ativa, conseqüentemente essas crianças e adolescentes não vão ter a chance de desenvolver essa cultura. Sem os profissionais capacitados ou ausentes dessas escolas, o aluno deficiente, perde a oportunidade de fazer algum tipo de atividade física, onde muitas vezes já saem de suas casas sendo considerados incapacitados, onde os isolam ou os cercam de cuidados extremos, não permitindo a participação em atividades que poderiam fazê-los desenvolver uma cultura de vida ativa.

Diante deste contexto, faz-se necessário e importante o olhar diferenciado para cada aluno levando-se em consideração suas individualidades e particularidades para, a partir disso, estabelecer a prática educativa mais adequada as suas necessidades e potencialidades (LEBEDEF; PEREIRA, 2005). Pois é a partir daí que podemos ver a realidade dos professores de educação física na escola inclusiva, onde muitos se tornam passivos, ou seja, não lutam contra o sistema, se tornando meros professores diante de tanta exclusão dos alunos com deficiência no meio em que trabalham.

Diante desse panorama, em que a criança não é estimulada a brincar e os adolescentes não têm oportunidades de interagir em diferentes ambientes, não podemos esperar que elas se tornem adultos com mais agilidade, mais flexibilidade, mais resistência, mais velocidade, fatores que lhes proporcionarão uma vida adulta e uma velhice mais saudáveis. Poderemos apenas apostar na formação dos profissionais que irão fazer as leis das atividades físicas mudarem este comportamento relativo à inatividade das pessoas com deficiência. É dando assim suporte teórico e prático que podemos facilitar um maior conhecimento e propor alternativas que mudem a forma de ver e interagir com crianças e jovens com deficiência. Por isso, ao utilizar propostas de jogos e atividades, é preciso ter definidos os objetivos e saber escolher o jogo adequado ao momento educativo.

Assim, a Educação Física na escola se constitui em uma grande área de adaptação ao permitir, a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas possibilidades, proporcionando que sejam valorizados e se integrem num mesmo mundo. O Programa de Educação Física quando adaptada ao aluno com deficiência, possibilita ao mesmo a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de uma melhor adaptação (CIDADES E FREITAS, 2002, p.02).

## 2.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SEUS DESAFIOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado é uma disciplina que pode intervir no cotidiano escolar, em detrimento ao modelo vigente de sociedade que excluem e massificam as pessoas, ela também amplia uma ação docente, seja ela uma ação pedagógica como também uma produção teórica, favorecendo aos estagiários o exercício da pesquisa participante, para juntamente com os profissionais que fazem a escola, refletir, formar e reformular sua própria prática educativa e a prática da escola (GOMES-DA-SILVA, 2009).

De acordo com Kulcsar (2005)

O Estágio Supervisionado é a oportunidade proporcionada pelo currículo, ao acadêmico para que ele atue em seu campo profissional, sob a orientação de um professor do curso em ação integrada com a Coordenação de Estágio Supervisionado da IES. Nos termos da legislação em vigor, o estágio supervisionado é parte indispensável e indissociável dos cursos de graduação. A realização do Estágio Supervisionado é obrigatória para o acadêmico obter sua titulação (KUCSAR,2005, p.118)

O Estágio Supervisionado é um momento de fundamental importância no processo de formação profissional. Constitui-se em um treinamento que possibilita aos estudantes vivenciarem o aprendido na sua formação acadêmica, tendo como função integrar as inúmeras disciplinas que compõem o currículo acadêmico, dando-lhes unidade estrutural e testando-lhes o nível de consistência e o grau de entrosamento.

É nesse processo da prática em que se observam alunos desmotivados, alunos que não se adaptam ao exercício docente, utilização de métodos inadequados a realidade do alunado, entre outras. Esses alunos/estagiários são aqueles que passam pela prática, e não conseguem superar os desafios enfrentados, tornando-se assim, muitas vezes, profissionais sem nenhum estímulo de busca pelo conhecimento.

Em contrapartida há aqueles que ao experimentar esse Estágio Supervisionado, buscam conhecimentos, procuram métodos adequados para suas aulas e conseguem superar os desafios encontrados durante toda a trajetória do

estágio. Nesse sentido Antunes (2008, p.1,2) evidencia sobre a prática de ensino que:

Nesse íterim, se torna evidente a necessidade de reflexão sobre os pressupostos educacionais e sobre os fins a que se dirige o trabalho educativo. Essa responsabilidade diz respeito aos professores dos cursos e também aos acadêmicos de Prática de Ensino, que devem, portanto, questionar-se continuamente acerca dos princípios que orientam suas práticas, da visão de mundo, educação, sujeito e escola. No momento em que problematizarem a este respeito, analisando também o teor das concepções teórico-metodológicas, poderão estabelecer outras formas de mediação.

São inúmeros os desafios enfrentados pelos estagiários durante sua prática de ensino, que segundo pesquisa da autora Maranhão realizada no ano de 2010, com seus dados extraídos de 90 relatórios da disciplina Prática de Ensino em Educação Física sob a forma de Estágio Supervisionado, relata que os principais desafios vão da falta de estrutura das escolas escolhidas, ausência de materiais de educação física, como da própria forma de ensinar. Os estagiários passam por uma experiência muito rica, que faz refletir sobre vários aspectos sociais, desvendando limitações e potencialidades dos seus alunos.

Quando se trata de alunos com deficiência o desafio é bem maior, pois os estagiários não se sentem preparados o suficiente para se trabalhar com essas crianças, daí surge a desmotivação de vários dentro da prática. A necessidade que as crianças com necessidades especiais têm de se praticar alguma atividade física é a mesma de uma criança que não tenha nenhuma deficiência. Onde as dificuldades maiores surgem a partir do despreparo dos estagiários como também da falta de interesse dos mesmos em buscar novas alternativas para se fazer determinadas aulas com êxito, ou seja, buscando atividades adaptadas de acordo com a necessidade de cada aluno deficiente ou não.

No entanto, o professor que trabalha com a inclusão deve preparar-se para enfrentar dificuldades que encontrará ao tentar oferecer uma educação adequada aos alunos com e sem deficiência, a fim de gerar um espaço democrático e ter sucesso em suas metas inclusivas.

Apesar do aumento da inclusão, da consciência e sensibilidade dos professores diante do assunto exposto, alguns autores, dentre eles: Janial e Manzini

(1999); Vitaliano (2002); Silva e Pereira (2002), Tessaro (2005), Dal-forno e Oliveira (2005), relatam através de seus estudos e pesquisas que ainda existe o medo dos professores por não saberem lidar, quando estão diante do atendimento à alunos com deficiência, criando assim uma resistência e insegurança destes professores que não se sentem preparados para estabelecerem uma relação que extrapola ao ensino e a aprendizagem. Esses desafios são vistos de tal maneira, que possamos aceitar e respeitar cada indivíduo, através da prática enfatizando a integração e dando ensejo à educação, saúde e primordialmente à atividade física, cabendo assim aos professores em formação e aos atuantes na área, promoverem as mudanças necessárias a fim de concretizar uma educação física inclusiva.

### 2.3.1 Formação Inicial dos Professores e Saberes Docentes

Pensar a formação inicial de professores implica discutir e refletir, à luz das pesquisas já realizadas, o papel da disciplina Prática de Ensino ou Estágio Supervisionado. Essas disciplinas presentes na estrutura curricular nos cursos de formação, além de oportunizar aos alunos suas primeiras experiências didáticas, pode também possibilitar aos docentes responsáveis por essa disciplina importantes reflexões sobre a formação inicial dos futuros professores. É nessa fase que a maioria deles passa por um período de mudança, ou seja, de alunos licenciados para professores (MELLO, 2007, p. 18,19).

Sobre a formação do professor, Charlot (2005) afirma que:

A formação do professor associa o aprofundamento dos saberes que ele deva ensinar e a aquisição de um conjunto de práticas profissionais bem definidas e estáveis e o acesso a valores e práticas sociais e a comportamentos que lhe permitirão desempenhar seu papel de mediador social. A função social do professor é suficientemente clara e coerente para que sua formação profissional possa ser definida e realizada com toda coerência (CHARLOT, 2005, p.96)

É fundamental que os professores capacitados, sejam capazes de construir as mediações entre as práticas e os saberes através de seus conhecimentos, para isso o professor tem que estar sempre se atualizando acerca do seu campo de intervenção.

Sobre os Saberes Docentes citado por Tardif (2008), podemos entender a relação com o ensinar para cada aluno/estagiário como a relação que cada um deles estabelece com os saberes docentes (saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais), entendendo, no entanto, tais relações como relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Podemos caracterizar os saberes docentes, os saberes da formação profissional são adquiridos através dos processos de ensino/aprendizagem e de socialização, os saberes disciplinares são vistos nos cursos universitários, os saberes curriculares correspondem através dos métodos, objetivos e conteúdos das escolas e por fim os saberes experienciais que dizem respeito às práticas docentes já vividas.

É necessário assegurar uma formação de professores que possibilite ao profissional docente saber lidar com o processo formativo dos alunos em suas várias dimensões, além da cognitiva, motora, englobando a dimensão afetiva, a das diversas linguagens, da estética, da ética, dos valores universais.

A formação pedagógica em educação física é uma tarefa que exige intervenção depois de possuir um bom embasamento teórico. Pois segundo Freire (1999) é na prática que os educadores constroem características necessárias para encarar a profissão. Desta forma podemos perceber a rica experiência que os estagiários adquirem na sua prática de ensino, durante a intervenção nas escolas públicas regulares de ensino.

Gomes-da-Silva (2009) defende que a importância e o papel dos estagiários nas escolas são de

[...] colocarem-se no processo educativo e aprendem com a situação vivida, com a dinâmica da escola, com os demais educadores que participam do processo e, principalmente, com os alunos, aprendendo como eles aprendem, estabelecendo vínculos afetivos e envolvendo-se responsabilmente com a situação de aprendizagem (GOMES-DA-SILVA, 2009, p.104).

Dessa forma, o Estágio Supervisionado se mostra essencial para uma formação completa e eficiente do acadêmico, pois proporciona aos alunos, enquanto estagiários, experiências concretas e pessoais para sua formação docente, experiências essas que se mostram necessárias e fundamentais para sua futura vida profissional.

A aprendizagem escolar é uma tarefa intencional, que tem finalidades, por

isso, necessita ser planejada. Não é possível conceber ações pedagógicas sem planejamento, pois aulas sem planejamento não possuem objetivos nem métodos pedagógicos, apenas amontoados de informações que professores despreparados lançam aos seus alunos sem o devido planejamento. A seleção e organização dos conteúdos obviamente fazem parte do planejamento, tarefa essencial para uma sistematização de conteúdos. Segundo Rosário e Darido (2007) poucos autores na área de Educação Física se posicionaram em relação a sistematização dos conteúdos e defende que há a necessidade de uma sistematização, não como verdades absolutas, mas como referências a serem tomadas no planejamento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs,1997), o professor deve propor claramente o que, quando e como ensinar e avaliar, possibilitando assim o planejamento de atividades de ensino para que ocorra uma aprendizagem coerente com seus objetivos. Daí o professor passa a elaborar a programação diária de sala de aula, organizando sua intervenção de maneira a possibilitar situações reais de aprendizagem que serão ajustadas às capacidades cognitivas dos alunos.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

A Metodologia aplicada nesta investigação se insere no enfoque da pesquisa qualitativa. Partindo do conceito de pesquisa qualitativa, Chizzotti (2003,p.221) aborda que:

O Termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Portanto, esta pesquisa descritiva de abordagem qualitativa buscou conhecer o perfil e as opiniões dos entrevistados, concernente ao assunto/problema pesquisado. Também como pesquisa documental, foram observados os registros feitos pelos mesmos através dos relatórios finais do Estágio Supervisionado, onde os dados foram obtidos através do método de abordagem fenomenológico que dá destaque à experiência de vida das pessoas.

#### **3.2 SUJEITOS DA PESQUISA**

A pesquisa teve como sujeitos 20 acadêmicos pré-concluintes e concluintes, do 7º e 8º período do ano letivo de 2009.2 e 2010.1 da Universidade Federal da Paraíba do curso de Licenciatura Plena em Educação Física que já vivenciaram na disciplina Prática de Ensino suas primeiras experiências durante o estágio supervisionado, com turmas com alunos com deficiência, de ambos os gêneros com faixa etária entre 3 e 12 anos de idade.

A escolha dos estagiários entrevistados se deu pelo fato de terem ido praticar sua docência em escolas inclusivas (escolas pólo), como também ter vivido essa experiência na minha prática docente.

#### **3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS**

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados da presente pesquisa

foram: um roteiro de entrevista (Apêndice A), gravador de áudio e relatórios finais dos estagiários da disciplina Prática de Ensino em Educação Física, este último instrumento está relacionado à análise documental em que foram coletadas as diversas experiências enfrentadas pelos acadêmicos ao ministrar suas aulas de educação física durante o período de estágio para alunos com deficiência, como também a metodologia de ensino aplicada aos mesmos.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Para a obtenção dos dados, foi realizado um roteiro de entrevista estruturada (Apêndice A), sendo feito individualmente com cada sujeito participante, o local das entrevistas foi a Instituição de Ensino Superior UFPB, nas horas vagas das aulas dos estagiários. As informações das entrevistas realizadas foram registradas pela pesquisadora participante através de um gravador de áudio e posteriormente foram transcritas, sendo uma cópia da transcrição e gravação devolvida aos voluntários correspondentes. O objetivo destas entrevistas foi de deixar o sujeito participante à vontade para falar da sua experiência com alunos com deficiência e suas escolhas das abordagens pedagógicas utilizadas durante o estágio. Da análise documental foram lidos os relatórios finais de cada estagiário entrevistado para ser extraído o perfil dos estagiários detalhadamente, pude ter acesso a esses relatórios com o professor da disciplina Prática de Ensino Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva.

O projeto desta pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley (CEP/HULW) da Universidade Federal da Paraíba. Os dados começaram a ser coletados somente depois da aprovação, tendo participação voluntária mediante ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice B). Os sujeitos participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice B), conforme a lei-196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas com os sujeitos participantes da pesquisa e com a leitura dos respectivos relatórios finais da Prática de Ensino, enfatizando as experiências obtidas na prática docente com turmas contendo alunos com

deficiência, foram extraídas informações relevantes para a pesquisa, sendo divididas por categorias de significados semelhantes, para a realização da análise e interpretação das mesmas.

Os dados obtidos foram através da análise de conteúdo (Bardin, 2002), identificando as unidades de significado a partir das falas dos alunos entrevistados.

### 3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisadora foi ao encontro dos sujeitos da pesquisa na UFPB, nos intervalos das aulas, a fim de que a mesma os apresentasse o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) do Ministério da Saúde, Lei 196/96 (APÊNDICE B) para pesquisas com seres humanos. Este encontro teve o intuito também de situar os participantes quanto à realização da pesquisa: sua importância e pretensões.

Em seguida, após a assinatura do TCLE, foi iniciada a coleta de dados, sendo realizada a entrevista de forma individual pela pesquisadora no período de Setembro a Novembro de 2010, indo a Instituição de Ensino Superior uma vez por semana ao encontro de um acadêmico por vez.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados a seguir são apresentados e discutidos tendo como base também os relatórios dos estagiários de Educação Física. O objetivo desta pesquisa é obter informações sobre como os futuros professores estão realizando sua prática docente diante de turmas com alunos com deficiência.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS QUE TRABALHARAM COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Os 20 estagiários investigados, 13 homens e 7 mulheres, com idade entre 21 a 28 anos, onde 90% dos alunos entrevistados tinham a idade de: 21 a 25 anos e 10% dos alunos entrevistados correspondia a idade de 26 e 28 anos.

<b>CATEGORIAS</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
ESTAGIÁRIOS	13	07
IDADE	21 a 26 anos	21 a 28 anos

Quadro 1: Faixa etária dos estagiários entrevistados

Observamos, que dos 20 estagiários, 5 tiveram experiências docentes na área escolar antes da Prática de Ensino/Estágio Supervisionado. Sendo que destes 5 estagiários apenas 1 teve experiência com alunos com deficiência e os demais cujo o total são de 15 estagiários tiveram experiências em Estágios anteriores a Prática de Ensino, na área não- escolar.

<b>CATEGORIAS</b>	<b>EXPERIÊNCIAS DOCENTES</b>
EXP. DOCENTES NA ARÉA ESCOLAR	<b>05</b> ESTAGIÁRIOS TIVERAM EXPERIENCIA ANTES DA PRÁTICA
EXP. DOCENTES EM OUTRAS ÁREAS	<b>15</b> TIVERAM EXP. ANTES DA PRÁTICA
EXP. DOCENTE COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	E DOS <b>05</b> , APENAS <b>01</b> TEVE EXP. COM ALUNO COM DEFICIÊNCIA

Quadro 2: Experiências dos estagiários antes da Prática de Ensino

Com base na análise dos dados encontrados, pode-se observar que dos 20 estagiários, 17 optaram pela proposta pedagógica Educação Física de Corpo Inteiro,

sendo 6 mulheres e 11 homens dos que optaram pela mesma proposta, e 2 optaram pela proposta Educação Física Crítico Superadora, ambos sendo homens. E apenas 1 optou pela Educação Física Psicocinética, sendo esta uma mulher.

<b>CATEGORIAS</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>	<b>TOTAL</b>
CORPO INTEIRO	11	06	17
CRÍTICO SUPERADORA	02	0	02
PSICOCINÉTICA	0	01	01

Quadro 3: Perfil didático-experimental dos estagiários.

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS E ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Os 20 estagiários entrevistados tiveram a experiência com turmas com alunos com deficiência. O número total de alunos por turma variava entre 11 e 37 alunos, sendo de 1 a 6 alunos por turma com algum tipo de deficiência. No total havia 27 deficientes auditivos (DA), 9 deficientes mentais (DM) e 4 eram deficientes físicos (DF). Essas crianças tinham a faixa etária entre 3 e 15 anos.

<b>Nº DE ALUNOS/ DEFICIÊNCIA</b>	<b>D. AUDITIVA</b>	<b>D. MENTAL</b>	<b>D. FÍSICA</b>
40 ALUNOS DEFICIENTES	27 DA	09 DM	04 DF
FAIXA ETÁRIA	3 a 15 anos	3 a 15 anos	6 a 15 anos

Quadro 4: Números de alunos por deficiência e faixa etária.

#### 4.3 A VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS ANTES DA PRÁTICA DE ENSINO

A visão dos estagiários sobre a Educação Física Inclusiva foi dividida em três categorias: Superficial, Razoável e Adequada.

A categoria Superficial indica que os alunos entrevistados já ouviram falar da Educação Física Inclusiva, e passaram por uma disciplina que versava sobre o assunto. A categoria Razoável trata-se dos alunos que passaram pela disciplina

sobre Educação Física Adaptada e que buscaram mais conhecimentos sobre o tema. Já a categoria Adequada indica que os alunos passaram pela disciplina de Educação Física Adaptada, buscaram conhecimentos mais relevantes sobre o tema, e vivenciaram uma experiência com alunos com deficiência antes de sua Prática de Ensino.

Com relação a visão que os estagiários tinham antes da Prática de Ensino sobre a Educação Física Inclusiva, é mostrado através dos dados analisados que dos 20 entrevistados, 12 tinham uma visão superficial do tema abordado na entrevista, 7 tinham uma visão razoável e apenas 1 tinha uma visão adequada sobre a Educação Física Inclusiva

O quadro abaixo mostra, detalhadamente, os resultados apresentados no parágrafo a cima:

<b>CATEGORIAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
SUPERFICIAL	12 ESTAGIÁRIOS
RAZOÁVEL	07 ESTAGIÁRIOS
ADEQUADA	01 ESTAGIÁRIO

Quadro 5: Visão dos estagiários antes da Prática de Ensino.

Os resultados mostram que todos os estagiários passaram pela disciplina de Educação Física Adaptada, mas que a grande maioria não se interessa em aprofundar seus conhecimentos nesta área, havendo assim dificuldades na atuação docente com alunos com deficiência.

#### 4.4 DIFICULDADES ENCONTRADAS

As dificuldades enfrentadas pelos estagiários foram divididas e organizadas em 4 categorias: Planejamento, Docência, Relacionamento e Avaliação. No planejamento foram encontrados 17 relatos, 10 homens e 7 mulheres. Na Docência, foram 19 relatos, 13 homens e 6 mulheres. Já no Relacionamento e Avaliação, todos relataram ter dificuldades, no total de 20 estagiários, 13 homens e 7 mulheres.

Podemos visualizar melhor no quadro abaixo os resultados das dificuldades apresentadas:

<b>CATEGORIAS</b>	<b>Nº DE RELATOS</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
PLANEJAMENTO	17	10	07
DOCÊNCIA	19	13	06
RELACIONAMENTO	20	13	07
AVALIAÇÃO	20	13	07

Quadro 6: Quadro das dificuldades identificadas

Sobre as categorias das dificuldades dos estagiários, podemos definir cada uma delas. Planejamento escolar segundo Libâneo (2001, p.221):

[...] é o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. "É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social" (LIBÂNEO, 2001, p. 221).

É, no entanto, através do planejamento que o estagiário/professor vai organizar suas idéias e seus conhecimentos para se elaborar uma boa aula e conseqüentemente atingir seus objetivos.

Na docência Libâneo(2006) propõe:

Os objetivos sociopolíticos da ação dos educadores voltados para as lutas pela transformação social e da ação da própria escola de promover a apropriação do saber para a instrumentação científica e cultural da população, é possível não só resistir às formas conservadoras de organização e gestão como também adotar formas alternativas, criativas, que contribuam para uma escola democrática a serviço da formação de cidadãos críticos e participativos e da transformação das relações sociais presentes. (LIBÂNEO, 2006, p.328)

Assim, a docência não se reduz a apenas dar aulas e sim a um conjunto de aspectos que engloba o ensino, envolve organização, planejamentos, materiais didáticos, criatividade e relacionamento entre professor e aluno.

Segundo GADOTTI (1999: 2), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. Para se avaliar um aluno não é necessariamente importante avaliar através da nota escrita, mas de todo seu

desempenho durante as aulas teóricas e práticas.

Os resultados do presente estudo evidenciam que durante a Prática Docente, todos os estagiários, participantes da pesquisa, tiveram dificuldades ao se deparar com turmas com alunos com deficiência. A maior dificuldade dentre tantas outras, foi a de adequar as atividades para atraí-los. Como salientam os estagiários “F” e “L” ao falar das suas maiores dificuldades ao ministrarem aulas: “[...] fazer com que os alunos surdos participassem da minha aula e tentar diminuir a violência entre eles durante as atividades.” (ESTAGIÁRIO F) “[...] Durante toda a prática de ensino a minha dificuldade se concentrou em dois alunos com deficiência, eu não conseguia adequar as aulas para esses alunos com Deficiência Mental.” (ESTAGIÁRIO L)

Assim podemos destacar o que Duarte e Werner (1995) definem sobre a Educação Física adaptada:

É uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educativas especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada aluno com deficiência, respeitando suas diferenças individuais( DUARTE ; WERNER,1995, p. 9)

Deste modo, cabe ao professor saber adequar sua metodologia, adaptar seus materiais, modificar sua organização na aula e analisar as necessidades individuais, atendendo assim todos os alunos com deficiência.

Diante das dificuldades relatadas pelos estagiários, os mesmos também buscaram algumas estratégias na elaboração dos planos de aulas e durante a árdua tarefa de ser professor e de incluir esses alunos com deficiências. Como por exemplo, nas falas de 4 Estagiários abaixo:

Tive que pesquisar um pouco sobre as deficiências e adaptar as atividades que preparava para minhas aulas. (ESTAGIÁRIO A)

No momento da explicação das atividades, procurava sempre gesticular e demonstrava como deveria ser as atividades como exemplo. (ESTAGIÁRIO B)

Fui adaptando as atividades e o que deu mais certo foram as atividades de socialização e cooperação, foram bastante eficazes. (ESTAGIÁRIO D)

Procurei utilizar materiais coloridos ao invés de sonoros para chamá-los atenção. (ESTAGIÁRIO F)

Segundo Morin (2001, p.15), o objetivo da educação não é o de somente transmitir conhecimentos, mas criar um espírito para toda vida, onde ensinar é viver em transformações consigo próprio e com os outros. Dessa forma fica evidenciado o quanto é importante o professor analisar nos seus alunos o bom relacionamento uns com os outros. Ainda analisando os resultados da pesquisa, identificamos através das falas dos estagiários que os alunos com deficiência mostravam um relacionamento diferente com os colegas de sala. Os estagiários afirmam que:

Meus alunos tinham medo de se aproximar dele (criança com deficiência) por que ele era bastante agressivo. (ESTAGIÁRIO T)

Os alunos com deficiência eram carinhosos comigo, mas com os coleguinhas da turma eram um pouco bravos e individualistas com os brinquedos. (ESTAGIÁRIO I)

Os colegas da turma tentavam manter um bom relacionamento com os Deficientes Auditivos, sendo que eles mesmos se excluíam. (ESTAGIÁRIO Q)

Poucas vezes eles eram carinhosos, mas na maioria das vezes eram muito agressivos com os colegas da sala. (ESTAGIÁRIO C)

Meus alunos com deficiência dificilmente participavam de alguma atividade e quando eles iam terminava sempre na violência, por que eles sempre queriam está com o objeto principal das atividades, como por exemplo, com a bola, com o arco ou algum outro material que eu utilizava para realizarem as atividades. (ESTAGIÁRIO M)

Assegura-se assim que, os próprios alunos com deficiência não ajudavam os professores a incluí-los nas suas atividades por serem alunos agressivos e dispersos, dificultando assim o andamento das aulas.

Segundo Storr (1970, p.27), [...] os mecanismos da agressão são instintivos, pois a agressividade é necessária para a preservação da vida e da espécie, bem como para o desenvolvimento amplo do indivíduo (cognição, afetividade, etc.). Geralmente essas crianças que demonstram com freqüência comportamentos agressivos, são crianças que estão mais vulneráveis a situações de frustrações ou preconceitos pela sua deficiência. Assim devemos olhar cada aluno e respeitar a sua individualidade, tentando ajudá-los e não nos afastarmos ainda mais deles, pois tais alunos são agressivos com aquilo que os está incomodando.

Ainda ao se tratar das dificuldades mencionadas anteriormente, a estagiária “I” relata enfrentar dificuldades para integrar os alunos com deficiências durante as

atividades realizadas nas aulas. “Minha primeira dificuldade era como eu iria dar aulas a crianças com deficiência e saber conduzir a aula devidamente bem.” (estagiária I)

Desta maneira, fica clara a responsabilidade de trabalhar com esta população, intensificando assim a importância de profissionais de Educação Física capacitados para oferecer atividades que melhorem a qualidade de vida das pessoas com necessidades educacionais especiais, pois assim, estarão intervindo e influenciando no desenvolvimento de seus alunos.(BORGES, 2006, p.23).

Dessa forma o estagiário tem que estar preparado para enfrentar qualquer situação, levando em consideração não somente a interação dos alunos em suas aulas, mas também a escolha e regência de suas atividades, suprindo assim as necessidades educacionais de seus alunos.

Esse estudo mostra que os professores precisam buscar outros meios como: novas metodologias de ensino e também buscar mais conhecimentos específicos para lidar com turmas nas escolas regulares com alunos com deficiência, pois os mesmos encontram-se despreparados para tal situação. Portanto “... a formação acadêmica do professor de educação física apresenta falhas em seu processo de construção dos futuros professores que irão atuar na escola.” (HIPÓLITO; LIMONGELLI; MALDONADO, 2008, p.17).

A atuação profissional deve, então, ser considerada como uma integração de diferentes elementos e não apenas uma consequência direta da formação profissional "científica" oferecida nos bancos da universidade. (DARIDO, 2003, p.80).

De acordo com a citação acima, Darido (2003) sugere que os cursos de formação profissional procurem outros meios, como novos modelos, considerando as expectativas dos professores de Educação Física em relação a uma maior aproximação da teoria com a prática, estimulando-os a refletirem sobre sua própria prática pedagógica, antes, durante e após sua prática de ensino, para que consigam aperfeiçoar sua metodologia de ensino.

Portanto, percebemos que há uma falha no processo de formação do professor, como também deverá haver uma conscientização dos mesmos da sua enorme responsabilidade de formar cidadãos, buscando constantemente informações a respeito da Educação, especificamente da Educação Inclusiva,

através de formações continuadas, norteando assim, o ensino da Educação Física.

Seria aconselhável que as escolas mantivessem um programa de educação continuada para seus professores a fim de que eles pudessem avançar em seus conhecimentos e atualizar suas ações em aula, conseguindo integrar os conhecimentos que são produzidos pela academia e com os conhecimentos que os professores de educação física constroem em seus cotidianos escolares e profissionais. Desta forma, a discussão mais atualizada da educação física escolar poderia realmente chegar ao cotidiano do professor de educação escolar ao mesmo tempo em que a área acadêmica da educação física escolar poderia atualizar suas informações do cotidiano escolar. Com isso, ambas as pontas desse amplo processo de formação do educador poderiam se beneficiar, estabelecendo uma relação clara, atuante e sincronizada, contribuindo com o fenômeno de formação do ser humano, o educando. (HIPÓLITO, LIMONGELLI, MALDONADO, 2008, p.17).

Dessa forma, fica acordado que além da formação inicial do professor é essencial um programa de Formação Continuada, para que os professores se atualizem na sua área de ensino, o que os possibilitará utilizar novas metodologias em suas aulas, facilitando assim o aprendizado do aluno e a relação aluno/professor como também do aluno/ aluno, sejam eles com ou sem deficiência.

#### 4.5 SUPERANDO AS DIFICULDADES

Dividimos em quatro categorias relacionadas no quadro abaixo:

<b>CATEGORIAS</b>	<b>Nº DE RELATOS</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
MAIS ESTUDOS	07	02	05
DIÁLOGO	04	01	03
ADAPTAR JOGOS	13	07	06
CONFECCIONAR	05	02	03

Quadro 7: Quadro das dificuldades superadas por categoria.

Para superar as dificuldades relacionadas com o planejamento, docência, relacionamento e avaliação, os estagiários relataram que puderam superá-las através da busca por mais conhecimentos, incentivos dos demais estagiários do mesmo grupo das escolas, professores e coordenador da disciplina Prática de Ensino que os incentivavam a prosseguir com o estágio e traçar metas para vencer

tais dificuldades, como relataram 3 estagiários:

Fiquei então desesperada por não saber como fazer nem o que fazer. Vi que estava faltando era mais estudo. Estudei, me empenhei para realizar as aulas dentro da abordagem. (estagiário C)

[...] confesso que tive vontade de desistir da disciplina, cheguei a conversar com o supervisor do nosso grupo, ele me deu muitos conselhos e me orientou a seguir, foi o que fiz. (estagiário E)

Pensei até em desistir pra pagar depois essa cadeira mais meus amigos os outros estagiários me convenceram de continuar. (estagiário A)

Dessa forma é primordial que os estagiários vivam em uma constante busca de aprimoramento e que compartilhem suas experiências durante os encontros com os supervisores e o coordenador da disciplina Prática de Ensino, para que os mesmos possam ajudá-los diante das dificuldades.

Com relação às dificuldades no que diz respeito às atividades para incluir os alunos com deficiência, muitos precisaram adaptar as brincadeiras e jogos em suas aulas como também confeccionar alguns brinquedos para interação de todos. Como por exemplo, na fala dos estagiários “L” e “U”:

Logo no início das aulas as dificuldades foram aparecendo, tinha seis alunos surdos e pensei: como incluí-los?[...] Fui explicando a aula com uma intérprete do meu lado, eles estavam todos animados, achei então que seria fácil, mas me enganei. Em outras aulas comecei a levar materiais para eles elaborarem seus brinquedos, isso foi um sucesso entre eles, vi então a participação dos alunos surdos e isso me deixou feliz. (estagiária L)

[...] As aulas só tiveram sucesso com as crianças com deficiência quando eu busquei maiores estudos e com isso adaptei várias atividades que apresentava nas aulas. (estagiário U)

Portanto, todas as dificuldades destacadas pelos estagiários foram superadas através de estudo e do diálogo com outros profissionais, o que demonstra a importância das reuniões com os supervisores e coordenador da disciplina, por proporcionarem reflexões de suas próprias ações pedagógicas, favorecendo assim uma melhor construção educacional em suas aulas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos evidenciar através de nosso estudo, a importância da Prática de Ensino e Estágio Supervisionado ser disciplinas obrigatórias para todos os alunos, não só de Educação Física, mas de toda área de Educação, já que a mesma se mostra como um agente motivador da reflexão sobre a prática da docência e da responsabilidade de ser um educador, pois, através da prática os alunos enquanto estagiários passam por experiências pedagógicas concretas e significativas no âmbito escolar.

O presente estudo analisou a vivência de 20 estagiários de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, da disciplina Prática de Ensino em Educação Física, sob a forma de Estágio Supervisionado nos períodos de 2009.2 e 2010.1, com alunos do Ensino Fundamental nas escolas públicas do município de João Pessoa, concernente as maiores dificuldades que os mesmos apresentaram durante sua prática docente com turmas com alunos com deficiência.

De acordo com os dados obtidos, poucos estagiários possuíam experiência docente antes da Prática de Ensino, sendo essa uma das causas das dificuldades encontradas, juntamente com a falta de preparo prévio dos mesmos.

Para superar tais dificuldades os estagiários buscaram mais conhecimentos sobre a deficiência dos seus alunos, adaptando as atividades para incluir os mesmos e sempre os estimulando a participarem das atividades durante as aulas. Tendo no final do Estágio Supervisionado, alcançado de forma positiva seus objetivos, como também alcançado o carinho dos alunos.

Dessa forma, afirmamos aos leitores a oportunidade de reflexão sobre a prática pedagógica na educação física escolar inclusiva. Destacamos, entretanto, que nosso objetivo não é de criticar a ação docente dos estagiários entrevistados, mas de refleti-las na busca do aprimoramento da prática docente. Dessa forma, pudemos observar o quanto é necessário que os alunos estejam preparados para qualquer situação na atuação docente.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Priscilla. **Prática de ensino: reflexões sobre os objetivos no ensino da Educação Física escolar**. Revista digital Buenos Aires, n. 119,2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd119/reflexoes-sobre-os-objetivos-no-ensino-da-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acessado em: 15 de junho de 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa:Edições 70, 2002.

BORGES, F. Educação Física adaptada: o aprendizado, a vivência, e a formação do conhecimento: uma construção acadêmica. **Revista Digital** Buenos Aires, n.103, 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd103/efa.htm>>. Acesso em: 11 de maio de 2010.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHIZZOTTI,A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, CIEd- Universidade do Minho,Braga-Portugal. v. 16, n. 002, 2003, p. 221-236. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

CIDADE, R. E; FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. 2002. Disponível em:<<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf>> Acesso em: 15 de Março de 2011.

DAL-FORNO, J. P.; OLIVEIRA, V. F. **Ultrapassando barreiras: professoras diante da inclusão**. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2005/02/a10.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan; 2003.

**DECRETO nº 6.571**, de 17 de Setembro de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm)Acesso em: 05 de Maio de 2011.

DIEHL, M. Rosilene. **Jogando com as diferenças**. Jogos para crianças e jovens com deficiência.2 ed. Brasil: Phorte, 2008.21 p.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. *Em Busca da Formação de Indivíduos Autônomos nas Aulas de Educação Física*. Campinas: Autores Associados, 2004.

FERREIRA, M.; BOZZO,F. Educação Inclusiva.Inclusão de crianças com Síndrome de Down no ciclo I do Ensino Fundamental. Trabalho Científico.Lins-SP, 2009.

Disponível em:  
<<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC31441044850.pdf>>. Acessado em: 13 de junho de 2010.

FERREIRA, Maria; GUIMARÃES, Marly. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.

GIMENEZ, R. A inclusão de indivíduos portadores de necessidades especiais nas aulas regulares de educação física: repensando sobre a prática. **Revista Digital** Buenos Aires, n. 98, 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd98/inclusao.htm>>. Acesso em: 11 de maio de 2010.

GOMES-DA-SILVA, Pierre. Educação Física: conhecimento e saber escolar. In; HERMIDA, J.F. (org.) **Saberes** da... Ed.Universitária da UFPB.2009. p.103.

HIPÓLITO, Dinéia; LIMONGELLI, Ana Martha de Almeida; MALDONADO, Daniel Teixeira. Conhecimento dos professores de educação física sobre as abordagens da educação física escolar. **Revista Mackenzie de educação física e esporte** – Volume 7, número 3, 2008. Disponível em: <[http://www.usjt.br/proex/produtos\\_academicos/daniel\\_t\\_maldonado.pdf](http://www.usjt.br/proex/produtos_academicos/daniel_t_maldonado.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2011.

KULCSAR, R. (Org.). **A Prática de Estágio Supervisionado**. 11. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

JANIAL, M. I.; MANZINI, E. J. Integração de alunos deficientes sob o ponto de vista do diretor de escola. In: MANZINI, E. J. (Org). *Integração do aluno com deficiência: perspectiva e prática pedagógica*. Marília: UNESP-Marília-Publicações, 1999. p.1-25.

LEBEDEF, T. B.; PEREIRA, I. L. S. **Educação especial olhares interdisciplinares**. Passo Fundo: UPF, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J.C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização** Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MATOS, Tânia Cristina Santos; SANTOS, Rubens Siqueira dos. A relação entre tendência e prática pedagógica dos professores de educação física de 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 3, Número 3, 2004. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/view/1318/1013>>. Acesso em: 17 de março de 2011.

MELLO, Eliana de. **A Relação com o Saber e a Relação com o Ensinar no Estágio Supervisionado em Biologia**. 2007. Dissertação( Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática)- Universidade Estadual de Londrina.

RODRIGUES, David. A Educação Física perante a Educação Inclusiva: Reflexões conceituais e metodológicas.

**Artigo Publicado no Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física.** 2008, p. 73-81. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewArticle/3649>>. Acesso em : 09 de junho de 2010.

SILVA, A. B. P.; PEREIRA, M. C. C. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_2002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_2002)>. Acesso em: 20 dez. 2010

STORR, Anthony. **A agressão humana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TESSARO, N. S. **Inclusão escolar: concepções de professores e alunos da educação regular e especial.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

VITALIANO, C. R. **Concepção de professores universitários da área de Educação e do ensino regular sobre o processo de integração de alunos especiais e a formação de professores,** 2002. 308 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

1. Qual foi a proposta pedagógica utilizada em suas aulas?
2. Antes de iniciar o Estágio Supervisionado qual era sua visão sobre a Educação Física Inclusiva?
3. Durante o Estágio Supervisionado, trabalhou com quantos alunos com deficiência e qual o(s) tipo(s) da(s) deficiência(s)?
4. Qual a faixa etária da turma que trabalhou e dos alunos com deficiência?
5. Você realizou adaptações no processo ensino aprendizagem para a plena participação do aluno com deficiência? Quais foram as adaptações?
6. Fale um pouco sobre a sua relação com o aluno com deficiência, e deste(s) com os colegas de sala?
7. Comente as dificuldades encontradas na realização do estágio com turmas com alunos com deficiência e quais sugestões daria para a alteração desta situação?

## **APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre: DESAFIOS DOS ESTAGIÁRIOS DE PRÁTICA DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA. E está sendo desenvolvida por RAQUEL RAMOS DA SILVA, aluna do Curso de LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. PIERRE NORMANDO GOMES DA SILVA.

Os objetivos do estudo são: identificar os desafios enfrentados pelos estagiários da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e analisar a metodologia usada pelos estagiários de Educação Física com alunos com deficiência, como também compreender a integração realizada com o mesmo perfil de alunos.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a formação dos futuros educadores físicos como para os profissionais atuantes na área escolar. Com o aumento da inclusão dos alunos com deficiência, as escolas precisam mais de professores capacitados e que busquem melhores alternativas para ministrarem suas aulas atingindo assim, seus objetivos como também proporcionando aos alunos um melhor aprendizado.

Solicitamos a sua colaboração para que seja solicitada uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

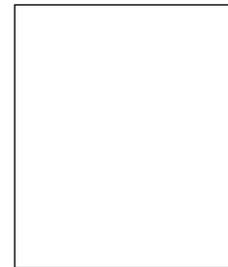
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa  
ou Responsável Legal



Espaço para impressão  
dactiloscópica

---

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a)

-----  
Endereço (Setor de Trabalho):- -----

Telefone: -----

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Pesquisador Participante